

# A Divulgação Científica em Mato Grosso no começo do século XX <sup>1</sup>

Gabriel Soares BARBOSA<sup>2</sup>

Benedito Dielcio MOREIRA <sup>3</sup>

Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, MT

## RESUMO

Este trabalho discute a divulgação de notícias sobre a ciência na imprensa de Mato Grosso no início do século XX, em especial na revista *Matto-Grosso*, publicada pela missão salesiana em Cuiabá. Esta publicação traz na página inicial a identificação de uma revista de ciências, artes e variedades. Compõem o *corpus* do estudo 12 edições publicadas em 1907. O objetivo deste texto, portanto, é apresentar os temas identificados como científicos, o espaço ocupado na publicação e como eram editorialmente tratados, bem como relacionar a publicação com o contexto da imprensa brasileira no início do século. Para realizar este estudo, nos beneficiamos dos conceitos de divulgação científica e jornalismo científico, desenvolvidos por Wilson Bueno.

**PALAVRAS-CHAVE:** jornalismo, ciência, religião, Cuiabá, história, divulgação científica

## INTRODUÇÃO

Este trabalho se destina à discussão da difusão científica na imprensa de Mato Grosso do início do século XX. Como estudo de caso, dedicamos nosso olhar à revista *Matto-Grosso*, periódico mensal de ciências, letras, artes e variedades, publicado em Cuiabá pelas Escolas Salesianas a partir de janeiro de 1904. O conteúdo publicado na revista é diversificado: curiosidades, descobertas, poesias, artigos, crônicas, história e notícias. A publicação era dedicada à defesa dos interesses políticos da congregação salesiana. Buscamos então compreender qual o espaço destinado à ciência e como ela é tratada neste periódico.

O caminho para tal pesquisa não foi fácil. A bibliografia da história da imprensa em Mato Grosso é pouca e difícil de encontrar. Este problema é ainda maior quando falamos da divulgação científica em nosso Estado, de tal sorte que não encontramos livros ou outros escritos que tratem da divulgação científica e sua história em Mato Grosso. Sentimo-nos nesse projeto como o primeiro grupo de pesquisadores pensando

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no 2º Simpósio Nacional de Jornalismo Científico.

<sup>2</sup> Estudante do Curso de Graduação em Comunicação Social, Habilitação em Jornalismo, da UFMT. Email: himura.yagami@gmail.com.

<sup>3</sup> Orientador do trabalho. Professor do Curso de Comunicação Social da UFMT. Email: dielciomoreira@yahoo.com.br

sobre a divulgação científica em nosso Estado. E como todo começo, é como caminhar sobre o barro mole.

Para este estudo precisamos compreender o contexto em que se encontra a publicação. Partimos então para a pesquisa histórica, buscando as origens da imprensa mato-grossense e da missão salesiana no estado, ao que dedicamos o primeiro capítulo. No segundo capítulo iremos apresentar o conceito que norteou a análise desde trabalho, a **difusão científica**, proposta por Wilson Bueno e suas subdivisões. A metodologia utilizada será apresentada no terceiro capítulo, junto com uma descrição detalhada da *Revista Matto-Grosso*. Tendo todos os instrumentos necessários em mão, o quarto capítulo se destina à análise dos dados.

## 1 – Um pouco de história

Cuiabá era isolada do mundo no começo do século XX. Para chegar à capital de Mato Grosso era preciso ir a Montevideo, no Paraguai, de onde se tomava um barco para Cuiabá. Por conta do isolamento geográfico o primeiro órgão da imprensa mato-grossense só começou a circular 31 anos depois do surgimento do primeiro jornal brasileiro. Em 14 de agosto de 1839 sai das oficinas da *Tipografia Provincial* o primeiro número do *Themis Mattogrossense*. Seu principal objetivo era divulgar os atos do Governo da Província, antes publicados no jornal *A Matutina Meiapontense*, de Meiaponte (atual Pirenópolis) na província vizinha, Goiás (JUCÁ, 2009, p. 29; MENDONÇA, 1906, p. 82-83; 1963, p. 8).

A Tipografia Provincial foi adquirida por subscrição popular pela iniciativa do jurista Antônio José Pimenta Bueno, então presidente da Província. Com ela também surge em Cuiabá o primeiro emprego fora da administração pública, ainda que submisso a ela: o tipógrafo. Segundo o jornalista Pedro Jucá, a inauguração da tipografia também promoveu o avanço cultural, pois despertou o interesse pela arte de escrever e facilitou o acesso à leitura, antes restrita à elite (2009, p. 35).

No entanto, a Tipografia Provincial enfrentou problemas financeiros enquanto tentava manter-se neutra em meio à disputa entre os Poderes Executivo e Legislativo. Em junho de 1840, após uma crise política que levou à renúncia do presidente Estevão Ribeiro de Resende, o *Themis Mattogrossense* parou de circular, com apenas 10 meses de existência. Em nove de março de 1842 o presidente da Assembleia Legislativa, José Antonio dos Reis, publica a Resolução nº 1, suspendendo a lei que criava a Tipografia Oficial. Um mês depois José da Silva Guimarães, o sexto presidente da Província, publicava a resolução de nº 4 determinando a reabertura da Tipografia Provincial. Para evitar novas tensões o nome do jornal oficial de Mato Grosso foi modificado, voltando a circular em 30 de julho de 1842 com o título de ‘Cuyabano Oficial’. A partir de julho de 1843 passaria a ser apenas ‘O Cuyabano’, que deixou de existir em 1845 (JUCÁ, 2009, p. 36-38; MENDONÇA, 1963, p. 8-9).

Apesar das tentativas, esse problema permaneceu. Em 31 de agosto de 1848 o vice-presidente da Província, Antônio Nunes da Cunha, vendeu a Tipografia Provincial em leilão público por 810\$000, com o aval da Assembleia Legislativa. Em dois de setembro de 1848 começa a circular o *Echo Cuiabano*, o primeiro jornal particular de Mato Grosso, que contava um contrato de 1.200\$000 para publicar os atos do governo. (JUCÁ, 2009, p. 49; MENDONÇA, 1963, p. 9).

Este acontecimento foi também um marco para a história da imprensa mato-grossense. A partir desse ano começariam a surgir diversos jornais particulares. Eram jornais de vida curta e, quase todos, com alto teor político. Os que não eram políticos serviam a causas específicas, como foi o caso de *O Club Litterário*, uma revista voltada à discussão e publicação de poemas, contos e histórias. Os primeiros jornais particulares de Mato Grosso enfrentaram grandes dificuldades, especialmente quanto à falta de equipamento, mão de obra e redatores. “Entre 1839 e 1939 surgiram 301 títulos, 88 dos quais não chegaram aos nossos dias em forma de documento, mas enriqueceram a cultura mato-grossense pelo que fizeram em suas épocas” (JUCÁ, 2009, p. 65).

### **1.1 – Salesianos, Cuiabá e a imprensa**

Dom Carlos Luís D’Amour, bispo de Cuiabá, escrevera várias cartas, durante mais de dez anos, pedindo a Dom Bosco, fundador da congregação salesiana, que enviasse seus missionários para a cidade. Era de seu interesse que os salesianos assumissem o seminário e o ensino de filosofia, línguas e teologia, e auxiliassem nas atividades da igreja, setores que estavam precários em Cuiabá. (LEITE, 1983, p. 1-3)

Em agosto de 1894, cerca de um mês após a chegada em Cuiabá, os salesianos abriram o curso primário no Liceu de Artes e Ofícios de São Gonçalo, com mais de 200 matriculados. A partir de 1895 passou a receber alunos das cidades vizinhas, principalmente de Cáceres e Corumbá. Rapidamente a escola se tornou pequena para o crescente número de alunos e a congregação adquiriu uma chácara, às margens do córrego da Prainha, no mesmo lugar onde hoje se encontra o Colégio Salesiano São Gonçalo. Em 1898 já oferecia as oficinas de alfaiataria, carpintaria, curtição, ferraria e tipografia (DUROURE, 1977, p. 72; LEITE, 1983, p. 12-21; WIRTH, 1971, p. 84).

Os colégios salesianos eram, em sua maioria, internatos, dotados de enfermaria com farmacêutico residente no local, consultório dentário completo com profissional habilitado, salões amplos e vastos pátios para a realização de jogos. Os alunos contavam ainda com atividades extracurriculares como teatro, educação física e religiosa. O material escolar era, em grande parte, de origem italiana. (ISAÚ, 2005, p. 8)

Mas não era apenas a oportunidade de educar que trazia os salesianos à Mato Grosso. O grande número de índios e suas conturbadas relações com os colonizadores fizeram com que grandes esforços fossem empreendidos para catequizá-los. E esse era o principal interesse dos salesianos em Cuiabá, que oferecia um bom suporte para as futuras missões de catequese indígena. (MENDONÇA, 1906, p. 69-70, 77; WIRTH, 1971, p. 284)

Em março de 1898, Padre Bálzola partiu com três índios em viagem para a Europa, a fim de mostrar os progressos da missão na exposição missionária de Turim. O comportamento dos indígenas causou boa impressão aos europeus e patenteou o orgulho da tribo. Ao retornar, Pe. Bálzola trouxe consigo uma equipe para ajudar na catequese dos índios (AZZI, 1982, p. 285; CORAZZA, 1995, p. 36; DUROURE, 1977, p. 78-79).

Em meados de novembro de 1900, os salesianos dão uma grande festa, para comemorar o 25º aniversário das missões da ordem na América do Sul. Durante a exposição há uma festa solene para a inauguração do Observatório Meteorológico Dom Bosco, que só iria começar a funcionar no dia 1º de dezembro do mesmo ano (AZZI, 1982, p. 84; DUROURE, 1977, p. 82-83). Com isso os salesianos deram um passo significativo na produção científica de Mato Grosso. Os relatórios desse observatório foram incorporados ao sistema nacional de meteorologia em 1911, mas já em 1903 compartilhava seus resultados com os observatórios do Rio de Janeiro e de Buenos Aires. Reportagem da Revista Matto-Grosso, em fevereiro de 1907, afirma que os dados coletados eram transmitidos a estas cidades a fim de compreender a dinâmica do clima no continente (LEITE, 1983, p. 17-18; MATTO-GROSSO, 1907, p. 46).

Em 30 de junho de 1902 a oficina de tipografia do Liceu Salesiano recebe a máquina Marinoni, que foi montada no antigo refeitório dos padres. Em 1903 os salesianos de Cuiabá lançam o jornal Matto-Grosso, que circulou durante um ano e do qual não se tem registros nos dias atuais. Em janeiro de 1904 o jornal foi transformado na Revista Matto-Grosso, editada pelo padre Helvécio Gomes de Oliveira e tendo como redator chefe Amarílio Alves de Almeida. Permaneceu em circulação por 12 anos, desaparecendo em 1915 (DUROURE, 1977, p.89-95).

## **2 – Difusão científica**

Para compreender a forma com a ciência é tratada na revista é preciso ter em vista o que é a difusão científica. O termo **difusão científica** faz referência a qualquer processo usado para comunicar informações sobre ciência e tecnologia. Assim, abrange uma grande variedade de publicações diferentes: das revistas de comunicação entre cientistas aos almanaques voltados para o público infantil. A difusão é o tronco principal, de onde saem três ramos: a divulgação científica, a comunicação ou disseminação científica e o jornalismo científico (BUENO, 2009, p. 159).

Destas três formas distintas de difusão científica, conforme Wilson Bueno, há dois níveis de discurso: publicações para os especialistas e para os leigos. Essa distinção já incorpora uma grande mudança na linguagem, pois a comunicação entre cientistas utiliza termos específicos, que nem sempre são compreensíveis para o cidadão comum.

A **comunicação científica** é o processo de troca de informações sobre ciência, tecnologia ou inovações em um discurso especializado e dirigidas a um público restrito, formado principalmente por especialistas. Segundo Wilson Bueno, esse processo também comporta dois níveis: a comunicação intrapares e extrapares.

A comunicação científica intrapares acontece entre especialistas de uma ou mais áreas conexas. Caracteriza-se pelo seu público seletivo, conteúdo específico e código fechado. Assim, não se faz pelos meios de comunicação de massa. Já a comunicação extrapares é feita para especialistas que não sejam necessariamente da mesma área. Pode acontecer, por exemplo, na forma de revistas com conteúdo abrangente que busca atingir uma grande variedade de especialistas, como químicos, físicos e engenheiros ou como os *workshops* sobre energia alternativa voltados para engenheiros e arquitetos.

A **divulgação científica**, chamada também de vulgarização da ciência, é o processo de comunicar ao leigo sobre a ciência, as descobertas e inovações. Para isso, é comumente feita uma recodificação do discurso científico para torná-lo acessível ao grande público. A divulgação não está restrita aos meios de comunicação de massa, mas abrange uma vasta gama de processos, como as palestras de cientistas abertas ao público leigo, a literatura, museus, e mesmo o jornalismo científico. Segundo Bueno, o que distingue o jornalista do divulgador científico “são as características particulares do discurso utilizado ou do sistema particular de produção que as define” (2009, p. 162-163).

Essa diferença acontece porque o conceito de **jornalismo científico** está intrinsecamente ligado ao de jornalismo, que se sustenta sobre os pilares da atualidade, universalidade, periodicidade e difusão coletiva.

Na prática, isso significa dizer que ele se define pela **atualidade**, ocupando-se de fatos (eventos, descobertas), processos ou fontes (cientistas, pesquisadores, técnicos) que estejam diretamente relacionados com o momento presente; pela **universalidade**, abrangendo os diferentes campos do conhecimento científico; pela **periodicidade**, mantendo o ritmo das publicações ou notícias/reportagens (os veículos jornalísticos em geral têm um ritmo de publicação regular, seja ele diário, semanal, mensal ou quase instantâneo como no jornalismo online) e pela **difusão coletiva**, ou seja, voltado a uma audiência ampla. (BUENO, 2009, p. 164)

Bueno faz ainda uma consideração quanto ao alcance do jornalismo científico, lembrando que, no Brasil, apenas um pequeno percentual da população tem acesso à mídia impressa. Assim, conclui que não é a quantidade de pessoas da audiência que define o que é ou não jornalismo científico, mas sim o perfil dessa audiência e o sistema de produção do discurso que, em geral, deve seguir as técnicas do jornalismo, sua estrutura e linguagem (BUENO, 2009, p. 166-169).

Assim o **jornalismo científico** pode compreender uma variedade de textos, desde informações sobre técnicas de cultivo ou armazenamento correto dos alimentos até os complexos processos científicos e descobertas, como a clonagem, nanotecnologia ou o Bóson de Higgs. Entretanto, deve incluir também uma postura crítica frente à produção científica, descobertas e inovações, evitando principalmente a visão destes como instrumento de salvação da humanidade e o sensacionalismo.

### 3 – Metodologia

O problema condutor desta pesquisa está assentado na identificação do espaço dedicado à ciência na Revista Matto-Grosso e como este tema era tratado pela editoria. Para encontrar a publicação recorreremos ao Núcleo de Documentação e Informação História Regional (NDIHR) da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), onde há um grande acervo de publicações do início do século.

Pesquisando no arquivo do NDIHR encontramos vários títulos de diferentes épocas. A Revista Matto-Grosso atraiu nossa atenção porque já se declarava uma revista de ciência, trazendo em sua capa os dizeres “publicação mensal de ciencias, letras, artes e variedades”. Assim, selecionamos o ano de 1907 por contar com as 12 edições completas, que forneceriam uma amostra confiável de um ano da publicação para a análise que irá responder às nossas perguntas. Colaborou com a escolha o fato de se tratar do quarto ano de publicação, quando o veículo já está com audiência e conteúdo consolidados.

O passo seguinte foi identificar a formatação da revista e prosseguir a uma prévia leitura do material. Destacamos tudo que poderíamos entender como ciência. Utilizamos então os conceitos de difusão científica estabelecidos por Wilson Bueno para compreender o tratamento dado à ciência na revista. É necessário lembrar que até meados do século XIX a exploração de novas terras era considerada como ciência. Com o fim do século se deixou de utilizar essa concepção. “Aventura poderia ser, mas não ‘ciência’” (BURKETT, 1990, p. 28).

Para melhor compreender a publicação, procuramos reconstruir o contexto em que se situa a publicação com o uso da investigação histórica, que nos supriu de dados para elaborar uma descrição detalhada da imprensa salesiana em Mato Grosso, já que, como afirma Geertz (1978, p. 36):

a maior parte do que precisamos para compreender um acontecimento particular, um ritual, um costume, uma ideia, ou o que quer que seja está insinuado como informação de fundo antes da coisa em si mesma ser examinada diretamente.

Recorremos à ordem salesiana para compreender sua história e sua relação com a imprensa. Visitamos o Colégio Salesiano São Gonçalo, atualmente a maior escola de Cuiabá, que ainda conserva parte da arquitetura original. Mesmo a oficina de tipografia está conservada, embora não possua todos os equipamentos da época. Na biblioteca há uma vasta coleção de livros sobre a ordem salesiana e se encontram arquivadas as revistas, encadernadas, em um livro para cada ano de publicação. Entretanto, não foi encontrada nos arquivos nenhuma revista dos anos de 1904 e 1915, primeiro e último ano de publicação, respectivamente.

### 3.1 – A Revista

O MATTO-GROSSO era uma revista mensal de ciências, letras, artes e variedades, publicada em Cuiabá pelas Escolas Salesianas a partir de janeiro de 1904. Foi publicada como um jornal durante o ano de 1903, tendo seu formato alterado no ano seguinte. A revista tinha 28 páginas de 270 x 170 mm e formatação de duas colunas de 218 x 68 mm. O texto é escrito em fonte serifada, similar à fonte *Times New Roman*, com corpo do texto em tamanho aproximado do que hoje classificamos como corpo 12. Fotografias e ilustrações apareciam somente em ocasiões especiais como a eleição do novo presidente do Estado ou o processo de canonização de Dom Bosco. A redação é carregada nos adjetivos, um padrão da época, segundo Nilson Lage: “os jornalistas mais prestigiados da época (...) assumiam postura elitista e redigiam em linguagem empolada, cheia de adjetivos e palavras em desuso” (2005, p. 65).

As revistas encontram-se encadernadas, constituindo um livro com as doze edições do ano, com 336 páginas. A numeração é contínua da primeira página de janeiro à última de dezembro e a encadernação conta ainda com um índice geral do ano. Isso sugere que as revistas foram reeditadas ou reimpressas especificamente para a encadernação. Algumas edições ainda possuem a capa original, em papel de seda colorido, de cor rosa ou laranja, que trazia na frente uma imagem e no verso um quadro decorado onde se lia os preços da assinatura. Esta capa não é computada na numeração.

O conteúdo publicado na revista é diversificado: curiosidades, descobertas, poesias, artigos, crônicas, história e notícias. Como era de se esperar de uma publicação feita por um grupo religioso, a presença de texto de cunho religioso e moralista é predominante. Analisando a publicação, conseguimos identificar as seguintes seções: Capa ou manchete; ‘Corpo’ ou ‘Miolo’; História; Notícias; Relatório dos Observatórios Climáticos.

#### **Manchete**

A capa da revista traz o cabeçalho com os dizeres: “Matto-Grosso” e logo abaixo “Revista Mensal de Ciências, Letras, Artes e Variedades”. Pouco abaixo, numa divisão de três colunas, podemos ver o ano, local e data e o número da edição. Essa numeração segue a sequência dos meses e se reinicia a cada ano, diferente da atual numeração das revistas, que é contínua desde a primeira edição. Para este trabalho utilizaremos também essa forma, ou seja, a revista número 1 corresponde a janeiro, a de número 2 a fevereiro e assim por diante.

Na capa da revista é exibida a matéria principal daquela edição, somente com texto. Ela começa com o título, que pode ser exibido em uma letra simples e sem serifa, como a fonte Arial. A apresentação do título varia para uma versão estilizada (trabalhada nos aspectos estéticos), conforme o destaque pretendido para a matéria. Como também era costume nessa época, o texto começa com uma letra capitular, embelezada, com fortes aspectos de arte visual, ocupando um total de sete linhas.

Durante o ano as matérias veiculadas na capa tratavam dos assuntos relativos à igreja católica e à congregação salesiana, exceto nas edições 01, 08, 10 e 12, que tratavam de fatos importantes dos últimos dias, como a eleição do novo presidente do Estado, a Exposição Nacional e a participação de Ruy Barbosa na convenção de direito internacional de Haya. A primeira edição, como era de costume desta publicação, traz um editorial falando sobre as aspirações para o ano que se iniciava.

### **Corpo**

No corpo da revista há uma transição frequente de conteúdo, sendo publicado principalmente poemas, contos, crônicas e artigos. No ano de 1907 foram publicadas duas séries especiais, sendo uma série de artigos intitulada “Casamento e União Livre”, que tinha como principal objetivo promover os valores e crenças católicas sobre estes temas, e um Romance chamado ‘Fabíola ou A igreja das catacumbas’, que deixou de circular em dezembro de 1908, sem ter seu final publicado. Aqui, a formatação padrão da revista, em duas colunas, não é regra. Conforme o tamanho ou a relevância do poema, o texto pode estar visualizado em uma única coluna, em itálico, negrito ou adornado com arte gráfica.

### **História**

Esta seção da revista é dedicada ao resgate da história de Mato Grosso. Seguiu a formatação padrão da publicação. Também incluímos aqui os especiais publicados durante os meses de setembro e dezembro, sobre a Proclamação da Independência e o 13 de dezembro. A seção de História foi publicada pela revista até maio de 1912.

No começo do ano essa seção era dedicada à continuação da série “Apontamentos cronológicos da Província de Mato Grosso”. Após o fim desta série, em abril de 1907, a revista ficou sem uma série fixa de história. Em junho foi publicada uma matéria intitulada “Escavação Histórica” que relata a viagem do coronel Carneiro de Campos, ex-presidente de Mato Grosso, pelo Paraguai durante o período em que este país estava em guerra com o Brasil. Em agosto foi publicada nova “Escavação Histórica”, desta vez falando sobre a definição dos limites da diocese de Cuiabá.

Em setembro é publicado artigo contando a história da Independência do Brasil, escrito originalmente pelo Barão de Ramalho. No mesmo mês tem início outra série, o “Extrato do diário da diligência ao reconhecimento do Rio Paraguai desde o lugar do Marco do Juru”, escrito pelo capitão de engenheiros Ricardo Franco em 1785, coligido pelo Barão de Melgaço e editado por Estevão de Mendonça. Foi publicada até dezembro. Em dezembro também vemos uma coluna intitulada “Datas Matogrossenses”.

É interessante notar que este artigo possui o mesmo nome da mais importante obra de Estevão de Mendonça, “Datas Matogrossenses”, publicada pelas Escolas Salesianas em 1919 em dois volumes. No livro também se lê esta história completa. Portanto esta revista serviu à publicação desses artigos que no futuro viriam a compor a



obra de Estevão de Mendonça, assim como muitos cientistas o fazem hoje, recolhendo os artigos que já publicaram no passado para compor um livro.

### **Notícias**

A seção de notícias era isolada do restante da publicação, possuindo um cabeçalho com adornos. Nesta seção eram feitos todos os tipos de relatos: os aniversariantes do mês, descobertas recentes, acontecimentos regionais como festas ou mortes de pessoas ilustres. As comunicações do colégio ou da missão salesiana também eram feitas por aqui: o começo do ano letivo, as aprovações e também as doações à missão de catequese indígena, com nome e valores doados.

A formatação seguia o padrão da revista, com duas colunas e letra serifada. As notícias eram apresentadas como notas, com os títulos diferenciados apenas por uma fonte negritada e separados da matéria por um hífen. As matérias eram frequentemente extraídas de outros periódicos, como o “Jornal do Comércio”. Como esperávamos, as notícias sobre acontecimentos religiosos, a missão com os índios e sobre o colégio eram privilegiadas, ocupando mais espaço que as demais.

### **Relatório Meteorológico**

Seção constituída pela apresentação dos dados colhidos nos Observatórios Climáticos da missão salesiana: o observatório “Dom Bosco”, em Cuiabá e “Presidente Antonio Paes de Barros”, no Araguaia. Em alguns meses também são apresentados os relatórios do observatório do Rio de Janeiro. Trata-se de uma série de tabelas, ocupando em média sete páginas, sempre no final da publicação. As exceções ao tamanho desta seção aconteceram apenas no mês de julho e agosto, quando foram publicadas oito e quatro páginas, respectivamente.

## **4 – Análise e discussão**

A questão é ‘qual o espaço dedicado à ciência e como ela é tratada na revista *Matto-Grosso*’. Para proceder à análise do material coletado durante essa pesquisa vamos subdividi-lo em três categorias: história, meteorologia e jornalismo.

### **4.1 – História**

Esta seção chama a atenção porque era editada por uma figura conhecida pelos mato-grossenses: Estevão de Mendonça, um importante historiador, que também atuou em vários jornais, como *A Gazeta*, *O Clarim*, *O Comércio* e mais outras 12 publicações. Foi responsável ainda pela criação da revista *O Archivo*, em 1905, que se destinava à divulgação de documentos históricos e geográficos do Estado. Estevão Mendonça é sócio-fundador da Academia Matogrossense de Letras e do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso (MENDONÇA, 1969, 50-51).

Estevão foi o responsável pelo resgate da obra de Augusto Leverger, o Barão de Melgaço, sobre a história de Mato Grosso e a publicou durante os primeiros anos da

revista, na coluna intitulada “Apontamentos cronológicos da província de Mato Grosso”. A seção de História publicou os relatos do Barão de Melgaço de forma inédita, como afirma o responsável por esse trabalho:

A revista ‘Mato Grosso’ criada e mantida outrora pela Missão Salesiana, constitui um repositório precioso de fatos da nossa história. (...) Em suas páginas foram publicados em primeira mão os ‘Apontamentos cronológicos da província de Mato Grosso’, conforme os originais do Barão de Melgaço e ligeiras anotações do levergeriano que estas linhas escreve. (...) Os ‘Apontamentos’ abrangem o período de 1718 (...) ao ano de 1856, com informes minuciosos sobre a fase colonial e largo trecho do segundo império (MENDONÇA, 1973, p. 204).

O fim e o retorno da seção histórica bem como a presença de outros artigos sobre demonstram que havia um público interessado neste tema. Colabora para esse entendimento uma nota encontrada na 12ª edição (MATTO-GROSSO, 1907, p. 329):

A revista Matto-Grosso tem o prazer de anunciar aos seus leitores que iniciará, no próximo número de Janeiro, a publicação de um dos mais importantes trabalhos do inesquecível Barão de Melgaço, o grande sábio que tanto trabalhou em prol da terra matto-grossense. Estudo de fôlego, exato e completo, tal publicação – como as anteriores que a Revista tem tido a honra de estampar, sob a direção do Sr. Estevão de Mendonça – despertará certamente o maior interesse e constituirá a nota preciosa da coleção da Revista de 1908.

A discussão da História como integrante ou não das ciências extrapola os limites dessa pesquisa. Consideraremos como tal, já que desde a sua origem a História é uma ciência, pois se vale da investigação metódica para construir uma narrativa dos acontecimentos do passado, como explica Jacques Le Goff (1990, p. 9):

(...) desde a Antiguidade, a ciência histórica, reunindo documentos escritos e fazendo deles testemunhos, superou o limite do meio século ou do século abrangido pelos historiadores que dele foram testemunhas oculares e auriculares. Ela ultrapassou também as limitações impostas pela transmissão oral do passado. A constituição de bibliotecas e de arquivos forneceu assim os materiais da história. Foram elaborados métodos de crítica científica, conferindo à história um dos seus aspectos de ciência em sentido técnico (...)

Analisando a produção da coluna História, percebemos que ela é uma comunicação de ciência de um especialista para leigos. Trata-se da revelação do conhecimento contido nas obras de Augusto Leverger que foram editadas e divulgadas pelos salesianos. A julgar pelo tipo de discurso utilizado, a produção e a finalidade, podemos categorizá-lo como divulgação científica, segundo os conceitos estabelecidos por Wilson Bueno que foram previamente apresentados.

## 4.2 – Meteorologia

A tentativa de prever os padrões climáticos é tão antiga quanto a agricultura. Entender o clima é essencial para o agricultor planejar o plantio e a colheita. Na revista Matto-Grosso encontramos uma seção dedicada à difusão de relatórios dos observatórios meteorológicos salesianos. Esta seção por vezes ainda divulgava os relatórios do observatório do Rio de Janeiro.

O estudo do clima de um local ou região é feito com base na análise estatística dos dados observados pela meteorologia, sendo contabilizados entre outras coisas as médias, as correlações, freqüências, distribuições. (...) Estas perguntas só podem ser respondidas com mais precisão se forem baseadas numa série de observações no decorrer de vários anos, sendo necessários pelo menos trinta anos para se obter informações bastante confiáveis. Isto se deve as pequenas variações que irão ocorrer de um ano para o outro, que são normais e devem ser levadas em consideração no estudo do clima de uma localidade (BISCARO, 2007, p. 7).

As tabelas eram produzidas com discurso técnico, contendo uma série de siglas, abreviações e nomes que não são comuns ao cidadão leigo. Os relatos eram feitos com certo atraso: do observatório “Dom Bosco” após dois meses e do “Presidente Antonio Paes de Barros” após quatro meses. Também não eram destinados aos observatórios do Rio de Janeiro ou de Buenos Aires, já que, como afirma uma matéria de fevereiro da própria Revista Matto-Grosso (1907, p. 46), a troca de dados entre essas estações era feita através de telegramas diários.

Desde o ano de 1901 existe em Cuiabá uma estação meteorológica, denominada ‘Observatório D. Bosco’ e pertencente ao Liceu Salesiano de Artes e Ofícios. Esta estação está em correspondência com a Diretoria e esta troca diária tem revelado circunstâncias e coincidências dignas de nota. Uma delas é o fato do pampeiro chegar à Cuiabá, sendo precedido de todos os índices observados na linha da costa: baixa do barômetro, ventos rondando pelo norte e oeste até saltar ao sudoeste. À vista disso, o aviso de mau tempo pode ser dado do Rio para Cuiabá, pondo-a a coberto da surpresa do pampeiro.

Dotados de discurso técnico, esses relatórios eram destinados a outros pesquisadores. Entretanto, parte deles pode ser lido e compreendido pelo cidadão comum que possua conhecimentos básicos sobre o clima. O atraso na publicação sugere que esses relatórios não eram divulgados simplesmente como notícia, mas serviam para colecionar e montar uma base de dados para futuras pesquisas. Ademais, demonstra também um traço de produção científica dos salesianos em Mato Grosso, mesmo sob o conceito que hoje utilizamos para estabelecer o que é ciência. Essa produção foi reconhecida posteriormente quando, em 1911, este observatório foi incorporado à rede nacional de observatórios meteorológicos. (DUROURE, 1977, p. 83)

Portanto, com base no tipo de discurso utilizado e no método de produção desses relatórios, é possível caracterizá-los como uma comunicação científica extrapares aberta para o público geral, mas fechada ao nível do discurso, que contém siglas e nomenclaturas específicas da disciplina envolvida.

### 4.3 – Jornalismo

A Revista Matto-Grosso era publicada mensalmente, portanto suas notícias não poderiam ter data de validade, pois um dos principais critérios para a escolha de uma notícia é sua atualidade. Assim, as matérias que encontramos nesta publicação raramente tratam de acontecimentos da cidade.

As notícias eram escritas no formato de notas e raramente buscavam um aprofundamento ou contraponto do assunto. Era frequente a prática do *copy-desk*, ou seja, a cópia ou resumo de notícias já publicadas em outros periódicos, o que demonstra que o corpo editorial era reduzido e pouco instruído para o trabalho com jornalismo, tomando como exemplo o que acontece nas redações de hoje. As matérias sobre ciência apenas relatavam as curiosidades, descobertas e inovações (invenções ou novas práticas). Em geral, as notícias não possuíam nenhuma visão crítica, exceto quando se trata de assuntos relacionados à igreja.

As matérias sobre ciência se focam apenas no relato de invenções, descobertas ou figuras importantes. Essas matérias não apresentam um contraponto ou visão crítica do assunto, limitando-se ao relato, muitas vezes sensacionalista. Isso, contudo, não impede que o relato de algumas invenções seja detalhado, como este sobre a invenção da ‘telefotografia’ (MATTO-GROSSO, 1907, p. 132):

Na maioria dos aparelhos construídos é o selênio o agente principal, pela admirável propriedade que tem de oferecer maior ou menor resistência à passagem da corrente elétrica em cujo circuito está intercalado, segundo a intensidade da luz que o ilumina. (...) Nos postes transmissor e receptor há um cilindro de vidro com movimento de rotação sincrônica, obtida por um pequeno eletromotor, junto com um movimento que o faz avançar em sentido do eixo, de sorte que a superfície do cilindro se move helicoidalmente. Sobre este, que está fechado em uma câmara escura também cilíndrica com o mesmo eixo, enrola-se a película fotográfica...

A reportagem se segue por mais alguns parágrafos, descrevendo a máquina em detalhes, mas tomando-a também como um objeto miraculoso, capaz de fazer “ouvir os surdos-mudos com os seus olhos” (MATTO-GROSSO, 1907, p. 132).

Segundo os conceitos apresentados por Wilson Bueno, a classificação mais eloquente para as matérias reunidas sob esta categoria é a divulgação científica, já que essas notícias não possuem um contraponto e são sensacionalistas. Também não apresentam suas fontes, não consultam especialistas ou sequer apresentam uma entrevista. Estas matérias aproximam-se mais das ‘colunas sociais’ do que das matérias jornalísticas. Além disso, são vistas graves disfunções do jornalismo científico: exagero

em elementos secundários para aumentar o impacto ao leitor (sensacionalismo), superficialidade e falta de documentação. Nota-se também, na linha editorial, uma tendência ao almanaquismo, ou seja, reduzir as informações científicas e educacionais a uma simples curiosidade, registro de recordes ou piada (BUENO, 2009, p. 173).

## **5 – Considerações finais**

Conforme pudemos constatar pela análise do conteúdo divulgado na revista, seu principal objetivo é fazer a propaganda católica: as matérias sobre a igreja, religião ou moralidade ocupam uma área muito maior do que as demais. Em especial havia a preocupação em conseguir mais fundos para expandir a missão.

Tratando-se de uma publicação mensal – a Revista Matto-Grosso –, também era necessário procurar notícias que não se perdessem com o tempo. Percebemos então que o conteúdo publicado era selecionado de acordo com essa exigência. A maior parte da revista é ocupada por contos, crônicas, poesias e artigos. Ou seja, predomina o conteúdo de entretenimento: atos comunicacionais com intenção de distrair o leitor.

As notícias sobre ciência também se encaixam nesse perfil. Elas alimentam a necessidade humana pelo entretenimento e novidade, trazendo novos conhecimentos sobre as recentes invenções e descobertas. Elas proporcionam assunto para as conversas por trazer novas ideias (BURKETT, 1990, p. 39). Além disso, se alinham ao pensamento educacional salesiano. Portanto, além de ser um material que não envelheceria rapidamente (antes da publicação da próxima edição), funcionaria como uma atração para o público.

A teoria do uso e gratificação diz que as pessoas usam os meios de comunicação em massa para satisfazer a algumas de suas necessidades (RANGEL, 2003, p. 9). Em um primeiro nível de necessidades vêm as questões essenciais à sobrevivência humana e como melhorá-la: conseguir alimentos mais fácil e melhor, morar melhor, saúde e sexo. As notícias científicas ajudam a satisfazer a essas necessidades. No corpo da revista; encontram-se textos que tratam de novas práticas agrícolas, descobertas sobre saúde e inovações tecnológicas para a comunicação. Todavia isso não é uma regra, mas demonstra a seleção do conteúdo conforme o perfil dos leitores. Burkett (1990, p. 39) explica que “essa co-relação com os interesses humanos reconhecíveis são responsáveis pela publicação e difusão de matérias derivadas da ciência mas de teor não científico”.

Em uma breve leitura da publicação entre 1913 e 1914, apesar de não compor a amostra selecionada para a análise, percebemos que os textos de cunho científico haviam diminuído, tendo desaparecido completamente em 1914, um ano antes do término da publicação desta revista. Nesta época o periódico se destinava puramente à propaganda católica, falando sobre os santos, dias sagrados e a doutrina católica. Isto é algo a ser averiguado em um futuro trabalho.

Nesta publicação, o papel da ciência era o de atrair o público leitor. A ciência é utilizada para reafirmar a autoridade da igreja, sendo que esta ainda poderia refutar as

descobertas científicas caso fossem contra suas crenças ou doutrinas. Esta visão de ciência também é adotada por governos tecnocratas e autoritários para justificar as tomadas de decisão. Constitui assim uma forma de dominação cultural, como lembra Wilson Bueno (2009, p. 174-177).

O uso que a revista fazia da informação científica causa ainda uma série de disfunções do jornalismo científico, como o almanaquismo, ou seja, redução da informação científica a uma simples curiosidade; pouco respeito à exatidão científica; exagero em elementos secundários para causar maior impacto (sensacionalismo); falta de documentação e de fontes para averiguação das matérias (BUENO, 2009, p. 173). Portanto, as notícias desta revista não podem ser consideradas como prática de jornalismo científico.

Entretanto, apesar dessas severas disfunções e do tratamento dado à ciência, a revista Matto-Grosso pode ter aberto um precedente no jornalismo do Estado, sendo a primeira publicação a praticar a divulgação científica. Isto ainda merece ser esclarecido com mais pesquisa, pois, como dissemos, não há material sobre os primórdios da divulgação científica em Mato Grosso.

A seção histórica da revista é, sem dúvida, muito valiosa, sob o ponto de vista científico. O resgate da história mato-grossense foi um serviço prestado por Estevão de Mendonça, que se valeu das gráficas salesianas para publicar seus livros, notadamente o *Quadro Corográfico de Mato Grosso* (1906) e *Datas Matogrossenses* (1919). Há que se levar em consideração ainda o trabalho dos salesianos nas observações climatológicas, que serviu para estudos meteorológicos nacionais no começo do século.

Por fim, faz-se necessário uma análise mais acurada das publicações desse período, com o propósito de averiguar se este fenômeno de utilização da ciência como chamariz de leitura se mostra presente, ou se foi uma prática de difusão exclusiva da revista Matto Grosso. Ainda devemos um estudo sobre o desaparecimento da informação científica nas edições que antecederam o fim da publicação.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

AZZI, Riolando. **Os salesianos no Brasil à luz da história**, 1982, São Paulo.

BISCARO, Guilherme Augusto. **Meteorologia Agrícola Básica**, 2007, Cassilândia, 1ª ed., disponível em: <http://www.do.ufgd.edu.br/GuilhermeBiscaro/arquivos/meteorologia.pdf> (acesso em 16/08/2012)

BURKETT, Warren. **Jornalismo científico: como escrever sobre ciência, medicina e alta tecnologia para os meios de comunicação**. Rio de Janeiro: 1990.

BUENO, Wilson da Costa. **Jornalismo Científico: revisando o conceito**. In.: VICTOR, Cilene et al. **Jornalismo Científico e Desenvolvimento Sustentável**. São Paulo: All Print Editora, 2009.

CORAZZA, Pe. José. **Esboço histórico da missão salesiana em Mato Grosso**, 1995, Campo Grande.

DUROURE, João Baptista. **Dom Bosco em Mato Grosso**, 1977.

GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978. Págs. 13-41

ISAU, Pe. Manoel. **Educação salesiana no Brasil sudeste de 1880 a 1922: Dimensões e atuação em diversos contextos**, 2005, disponível em: [http://www.histedbr.fae.unicamp.br/navegando/artigos\\_pdf/Manoel\\_Isau\\_artigo.pdf](http://www.histedbr.fae.unicamp.br/navegando/artigos_pdf/Manoel_Isau_artigo.pdf) (acesso em 25/06/2012)

JUCÁ, Pedro Rocha. **Imprensa Oficial de Mato Grosso: 170 anos de história**, 2009, Cuiabá.

LAGE, Nilson. **Teoria e Técnica do Texto Jornalístico**, 2005, Rio de Janeiro, 7ª tiragem.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**, 1990, Campinas. Disponível em: [http://xa.yimg.com/kq/groups/19906282/820661633/name/LE\\_GOFF\\_HistoriaEMemoria.pdf](http://xa.yimg.com/kq/groups/19906282/820661633/name/LE_GOFF_HistoriaEMemoria.pdf) (acesso em 16/08/2012)

LEITE, Luis Philippe Pereira. **A obra dombosquina e o oeste brasileiro**. Cuiabá: Liceu Salesiano São Gonçalo, 1983.

MENDONÇA, Estevão de. **Quadro Chorographico de Matto-Grosso**, 1906, Cuiabá, 1ª ed.

MENDONÇA, Estevão de. **E foi naquela noite de Natal...**, 1969, Goiânia, 1ª ed.

MENDONÇA, Estevão de. **Datas Mato-Grossenses**, 1973, Cuiabá, 2ª ed.

MENDONÇA, Rubens de. **História do Jornalismo em Mato Grosso**, 1963, Cuiabá, 2ª ed.

OLIVEIRA, Fabíola de. **Jornalismo Científico**, 2005, São Paulo, 2ª ed.

RANGEL, Jair G. **Usos e gratificações: uma abordagem do processo de recepção e audiência**. Trabalho apresentado na Sessão de Temas Livres, XXVI Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Belo Horizonte/MG, 02 a 06 de setembro de 2003. Disponível em: [http://www.fca.pucminas.br/saogabriel/ci/raop/pdf/usos\\_gratificacoes.pdf](http://www.fca.pucminas.br/saogabriel/ci/raop/pdf/usos_gratificacoes.pdf) (acesso em 30/08/2012)

WIRTH, Morand. **Dom Bosco e os salesianos**, 1971, São Paulo.